

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL**

CAMPUS OSÓRIO

**PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM EDUCAÇÃO BÁSICA E
PROFISSIONAL**

Fabiana Prestes Tassinari Borges

O ato de cozinhar e educação: Um estudo sobre duas obras de Rubem Alves

Orientadora: Profa. Dra. Maria Augusta Martiarena

Osório

MAIO 2025

O ATO DE COZINHAR E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE DUAS OBRAS DE RUBEM ALVES

Fabiana Prestes Tassinari Borges
fabianatassinari@gmail.com

Resumo: O presente artigo refere-se a um estudo de duas obras de Rubem Alves, fazendo uma relação entre o ato de cozinhar e o ato de ensinar, práticas essenciais para a vida de todo indivíduo, principalmente para as crianças em fase escolar, onde o conhecimento ocorre através da curiosidade e reflexão. Aponta também um breve questionamento sobre os programas estabelecidos para o vestibular que tornam as escolas cada vez mais distantes da realidade dos alunos, tornando o ensino um pesadelo para muitos e para outros uma frustração.

Palavras-chave: O ato de cozinhar. Professor. Aluno. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Filha de professora alfabetizadora, nascida numa cidade pequena no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, cursei todo o ensino fundamental na escola pública, Grupo Escolar General Osório, a qual completou 100 anos em 2024, e o segundo grau optei pelo magistério na única escola particular da mesma cidade, Escola Cenecista Marques de Herval, antigamente Colégio Conceição, em homenagem a cidade que se chamava Conceição do Arroio, antes do nome atual, Osório. Sou graduada em Educação Física (Licenciatura e Bacharel 2005/01) pela Faculdade Cenecista de Osório-FACOS. Desde pequena sempre fui muito preocupada com a saúde, desde a alimentação até a prática de atividade física. Experimentei muitas modalidades no esporte e na dança durante toda a trajetória como estudante, e a disciplina de Educação Física sempre foi a mais querida para mim. Tive excelentes professores, os quais lembro e falo com eles até hoje. Privilégio de morar numa cidade onde todos ou quase todos se conhecem. Durante os anos acadêmicos atuei na área da Educação Física como estagiária e também na Coordenadoria de Educação no setor pedagógico. Em 2005, assim que formada tive que fazer uma escolha entre assumir o restaurante que era do meu esposo ou continuar na Educação. Naquela época eu ainda não entendia sobre a cozinha, mas pensava que para assumir um restaurante, seria necessário fazer um curso para poder aprender sobre as técnicas de cocção, cortes, boas práticas, etiqueta, brigada de cozinha, como se usa nos restaurantes profissionais. Durante dez anos fui aprendendo a cozinhar com cozinheiras antigas que trabalhavam no restaurante, e em 2015 me especializei durante seis meses no curso de

cozinheiro profissional no SENAC, em Porto Alegre, onde aprendi sobre a técnica e cultura de vários pratos de vários países. Atuo até hoje na cozinha, como chef e cozinheira na própria empresa. Acredito que, assim como Rubem Alves a cozinha é o melhor lugar da casa, e gostaria de passar adiante esse conhecimento sobre o ato de cozinhar unido a educação porque são elementos primordiais para a vida de qualquer pessoa. Cozinhar não é tão somente manipular alimentos, é preciso compreender sobre o alimento, sobre o processo de preparo, para chegar num resultado mais próximo da perfeição e que realmente seja nutritivo para o corpo, assim é com a educação, educamos ou somos educados para nos tornarmos bons cidadãos, conscientes da nossa existência para vivermos dignamente em comunidade.

O presente artigo aborda uma sistematização das leituras e análise textual discursiva do conteúdo. Tem-se como objetivo geral: Estudar as obras “Estórias de quem gosta de ensinar” e o “O desejo de ensinar e a arte de aprender” com vistas a compreender as relações entre o ato de cozinhar e educação a partir da perspectiva do autor, Rubem Alves. Para tanto, foi necessário identificar obras em que se aborda o ato de cozinhar e as relações com a educação, na obra de Rubem Alves. Objetivos específicos: identificar obras em que seja abordado o ato de cozinhar e as relações com a educação, na obra de Rubem Alves.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS – um pouco do pensamento “Alvesiano”

Como mencionado na introdução, foi necessário abordar obras que abordassem o ato de comer. Entendem-se ainda, necessário, compreender um pouco do pensamento do autor e reconhecer trabalhos sobre a referida obra.

Em uma pesquisa no Scielo e Portal Periódicos CAPES, foram encontrados os seguintes estudos: Artigo: *De Platão a Rubem Alves Eros na educação contemporânea*; Artigo: O amor em Rubem Alves; Artigo: Literatura de comer: a cozinha de Rubem Alves; Portal UFC Virtual “A alegria de ensinar”; Também foram encontrados os estudos sobre Rubem Alves nas seguintes Revistas Digitais: O Tempo Crônica “Educação e seus sabores”; Revista de gastronomia “Literatura de comer: a cozinha de Rubem Alves”; Revista Ecos da Paz “se cozinhar é sagrado, comer é mágico”; Folha de São Paulo “A arte de produzir fome”; Revista Sacrilégens dos alunos de Pós-graduação em ciência da Religião “Variações sobre Rubem Alves; Revista Educação pública “Só aprende quem tem fome”; Jornal Correio Popular “A festa de Babette”; Blogspost “Aprendendo das cozinheiras” ; Wordpres “Sopas”; Espaço Cultura Casa do Conde “Estórias de quem gosta de ensinar” e Artigo “Análise textual discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces publicado na revista Ciência & educação.

Em “variações sobre Rubens Alves” (Sacrilegens, Revista dos alunos Programa de pós-graduação em ciências da Religião – UFRJ) uma das “Teorias Alvesianas” é celebrar a esperança na vida, para uma educação que caminhe para a liberdade, autonomia e ousadia, cultivando a expectativa de um mundo melhor, de transformação cultivando os sonhos e anseios do futuro.

De acordo com o autor *“O amor enquanto desejo do belo, leva ao amor à sabedoria, pois a busca pelo belo engendra um processo, que parte do mundo sensível para o mundo inteligível.”* (Nunes, 2017/2018, p. 07) Por meio do corpo, da matéria, que passamos a amar o interior, a alma, e tão logo aprendemos a amar os ofícios, às leis e as ciências. Na relação ensino aprendizagem, a educação é uma força que gera a sabedoria através do amor, primeiro o desejo pelo belo, e depois de todas às outras ideias. Se o amor e educação estão correlacionados, o desejo está conjuntamente presente neste vínculo, não pode haver educação sem amor, porque não pode haver educação sem desejo. Conhecimentos são nascidos do desejo, e para Rubem Alves a cabeça não pensa aquilo que o coração não pede.

Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: “veja!” – e ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. O seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente. E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria e dar mais alegria- que é a razão pela qual vivemos. (Alves, 2014 não paginado)

Ser professor exige um tato culinário para que se desperte a fome do aluno, aguçando seu interesse em entender quais elementos são presentes no prato que lhe foi ofertado e porque foi preparado de tal maneira. Ao falar em ensino aprendizagem, Alves discursa sobre desejo, curiosidade, sobre uma educação ligada à vida. Por isso que fala e relaciona a educação com o alimento, elemento primordial à vida.

“Tão importante quanto comer”. Rubem Alves se referia a educação, como uma atividade de necessidade fisiológica para qualquer indivíduo para manter-se vivo. Saciar a fome com comida e alimentar a alma com conhecimento que fosse nutrido pelas curiosidades através das perguntas, aquilo que desejamos saber para que nos seja útil para toda vida. Se comer é para toda vida então a escola também deveria ser para toda à vida.

Ressalta ainda que: *“Quando a gente revela qual é o lugar mais importante da casa, a gente revela também o lugar preferido da alma”* (Alves, 2000). Assim deveria ser a escola, aquele lugar preferido, desejado e amado pelo aluno. No entanto a realidade nos mostra um caminho cada vez mais distante da realidade do sujeito. A construção do ser humano consciente das suas capacidades, habilidades natas que são desenvolvidas ao longo da sua vida, através do movimento natural, por meio de uma educação que transforme a pessoa para melhor, para o bem, para se sentir bem, útil, com condições próprias para se manter e viver em sociedade. Mas como driblar as desigualdades sociais?

Rubem Alves faz uma analogia no ato de ensinar com o ato de cozinhar, acender o fogo numa forma de acender a curiosidade e despertar sonhos nas crianças, a fim de que esses sonhos, mesmo que individuais, possam aquecer e proteger contra as feras, neste caso, contra as dificuldades existentes da vida. *“...os sonhos solitários se tornam comunhão quando se aquece e come”.* (Alves, 2000)

Aprendemos melhor quando compreendemos não só como fazer alguma coisa, mas porque devemos fazê-la daquela maneira. Ter um bom conhecimento do que é básico permite como se dá o processo de cozinhar, por exemplo. Se a frigideira for aquecida antes de preparar uma carne, saberíamos que o suco da mesma ficaria concentrado na proteína, não perdendo os nutrientes do alimento, este é o momento em que a carne entra em ação, deve ser colocada no fogo sem mexer até que solte e crie uma crosta, este é o processo de “selar”, e é usado para cocção de vários alimentos. Tão simples como saber que dois mais dois é igual a quatro, ou que se você se alimentar somente de industrializados e ultraprocessados, e não praticar nenhuma atividade física, você vai adoecer e que isso irá gerar um custo enorme para o Estado e para a saúde pública do País.

“Os professores não são aqueles que conhecem os saberes. São aqueles que sabem encontrar caminhos para eles. De qualquer forma, os saberes já se encontram em livros, bibliotecas, enciclopédias, internet. Acresce-se a isso o fato de que, hoje, os saberes se tornam rapidamente obsoletos. Se os alunos tiverem os mapas e souberem encontrar o caminho, eles terão sempre condições de descobrir o que sua curiosidade pede. E os professores, por não saberem de antemão o que as crianças querem saber, têm de se tornar aprendizes junto às crianças.” (Alves, 2004. Cap. 02, p. 49)

O objetivo da educação é ensinar a pensar, criar na criança a alegria de pensar. Rubem Alves propõe um novo tipo de professor, um professor que espante porque os conteúdos estão na internet, livros e revistas, não é ensinar “coisas”, o aprendido é aquilo que fica entendido, o decorado é rapidamente esquecido. Uma educação ligada com a vida e não somente para os vestibulares. Do que adianta passar no vestibular e depois esquecer tudo? A capacidade de pensar não é memória, somos movidos pelos sentimentos. *“A transformação da educação no Brasil passa por dentro dos pensamentos e sentimentos dos professores. O Professor é o ponto central de qualquer programa de educação do ensino brasileiro.”* (Alves, 2004).

Voltando para a cozinha, na crônica “pipoca” (Alves, 2004) *“o poder do fogo que transforma, assim é com a gente, deveríamos deixar o fogo aquecer nosso coração e aceitar as mudanças de forma leve, voltar a ser criança.”*

Neste mesmo livro, Alves conta que José Pacheco, um educador Português diretor de uma escola na pequena Vila das Aves ao norte de Portugal, leva mais a sério as perguntas que as crianças fazem do que as respostas dos programas que querem fazê-las aprender, porque para ele é nas perguntas que a inteligência se revela.

METODOLOGIA:

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva. Para estudar a forma sistematiza a obra de Rubem Alves, optamos pela Análise Textual Discursiva. Tal metodologia de pesquisa, desenvolvida por Galiazzi consiste fundamentalmente nos processos de desconstrução e construção de ideias que surgem através da interpretação propriamente dita, por meio das leituras realizadas no decorrer de toda a pesquisa.

Conforme fala a autora, *“A análise textual discursiva é uma abordagem de análise de dados que transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa que são análise de conteúdo e a análise de discurso.”* *“A análise textual discursiva é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades oriundas da interlocução empírica, da interpretação do significado atribuído pelo autor exercita-se a apropriação das palavras de outras vozes, para compreender melhor o texto.”* *“Depois da realização desta unitarização, que precisa ser feita com intensidade e profundidade, passa-se a fazer a articulação de significados semelhantes em um processo denominado de categorização. Neste processo reúnem-se as unidades de significado semelhantes, podendo gerar vários níveis de categorias de análise. A análise textual discursiva tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significado e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fazer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos. Este processo todo gera meta-textos analíticos, que irão compor os textos interpretativos.”* (Galiazzi, 2006, p.2)

Penso que é importante salientar conforme relata a autora que, *“depois de iniciado com organização, dedicação e disponibilidade para leitura crítica, reflexão e reescritas sucessivas, a produção escrita do relatório de pesquisa torna-se uma atividade gratificante.”* (apud p.04) Foi exatamente o que aconteceu comigo no decorrer do curso da pós-graduação. Iniciei o artigo final direcionado para a área da Educação Física, queria dizer algo que fosse significativo sobre a dança nas escolas, mas a minha realidade não era compatível com a realidade do tema visto que, como proprietária e chef de cozinha do restaurante sou responsável pelo planejamento do cardápio até a manipulação dos alimentos. Desta forma, salienta Galiazzi, *“na análise textual discursiva as realidades investigadas não são dadas prontas para serem descritas e interpretadas. São incertas e instáveis mostrando que “ideias e teorias não refletem, mas produzem a realidade.”* (apud. Moraes, 2004, p. 199.)

E porque não pensar que produzem a própria realidade, realidade do discurso sempre em movimento.” (Galiazzi, 2006, p. 05)

Tive momentos de dúvidas, incertezas sobre o que escrever, o que pesquisar, queria um tema que pudesse fazer uma relação com o ato de cozinhar e educação. Onde procurar tal conteúdo, tais referenciais? Foi muita oração, até que uma “Anja” professora e Dra. em Educação, foi mostrando que aquilo que eu pensava ser impossível de realizar, visto que estava muito tempo sem estudar, foi dando forma, “saiu do forno”, depois de quase desistir, num tempo de aproximadamente um ano. A metodologia sempre foi o mais difícil para mim. Reforço concordando com Galiazzi dizendo que: *“Todo processo de análise, mas especialmente a escrita, é acompanhado de medo, dúvida e incerteza. É uma relação íntima entre o objeto pesquisado e o pesquisador.”* (Galiazzi, 2006, p. 05)

A primeira crônica que li de Rubem Alves, “Cozinha” abriu os gatilhos da minha imaginação, tive um insight, quero escrever sobre o ato de cozinhar, o que essa prática poderia ter de relação com o ato de educar? A partir daí comecei a buscar artigos que pudessem chegar próximo ao tema, mas que nem Rubem Alves, só Rubem Alves para criar uma receita ou como ele diria um “feitiço”, adicionando cozinha e educação. Rubem Alves ilustra o ato de cozinhar como uma ciência por meio de técnicas e também como um gesto de amor e fraternidade. Não são todas as pessoas que tem o dom de cozinhar, mas são todas as pessoas que tem fome. Faz parecer que, por querer ter sido cozinheiro, a profissão em seus textos não sofre preconceito, pelo contrário, sugere que os professores aprendam com e das cozinheiras sobre ensinar para a vida, pois a fome não sessa nunca, assim como o conhecimento. *“Eu gostaria de ter sido muitas coisas que não tive tempo e competência para ser. A vida é curta e as artes são muitas. Gostaria de ser pianista, jardineiro, artista de ferro e vidro - talvez monge. Eu gostaria de ter sido cozinheiro.”* (crônica “Cozinha”, publicada no Correio Popular, Caderno C, 19.23.2000).

Resultados e análise:

1.1 CONTEÚDOS DE PROGRAMAS – Os pressupostos que constroem os programas:

Este tópico refere-se à análise do livro *O desejo de ensinar e a arte de aprender*. Esta obra está subdividida por 04 capítulos. Optamos, para este artigo, por escolher o capítulo 02, Experiência: a Escola da Ponte. Entendemos que esse capítulo se refere ao tema deste assunto, ou seja, o ato de cozinhar.

Programas devem ser aprendidos numa velocidade igual, são uma organização lógica, de saberes dispostos numa ordem linear, é como se todos estivessem numa linha de montagem de uma fábrica. Agora vamos pensar numa sala de aula, com 20 ou 30 crianças será que todas tem o mesmo pensamento, os mesmos sonhos, as mesmas curiosidades, o mesmo raciocínio lógico o mesmo entendimento? Certamente a resposta seria não, de maneira alguma um aluno é igual ao outro, nenhum ser humano é igual, como que o conhecimento e aprendizado vai ser o mesmo?

“É fácil obrigar o aluno a ir à escola. O difícil é convencê-lo a aprender aquilo que ele não quer aprender...” (Perguntas de criança, Alves, 2004. Cap. 01, p.13)

Partindo dos pressupostos que constroem os programas de educação, Rubem Alves aponta quatro elementos fundamentais para uma discussão e reflexão sobre o ensino-aprendizagem das escolas.

O primeiro pressuposto seria que “a aprendizagem se dá numa relação entre o saber, abstratamente definido, e a inteligência da criança. A medida entre saberes e inteligência se dá pela didática. Se a aprendizagem não acontece, o problema se encontra ou na inteligência deficiente da criança ou numa didática inadequada.” (Alves, 2004. Cap.02, p.54)

O segundo pressuposto prega que “Todas as crianças são iguais. É só isso que justifica que os mesmos saberes sejam dados a todas as crianças. Mas isso é pateticamente falso. Os sonhos das crianças que moram em condomínios ricos não são os mesmos das crianças das favelas, tão pouco às escolas são as mesmas.” (Alves, 2004. Cap. 02, p.55)

O terceiro pressuposto diz que “todas as crianças possuem o mesmo ritmo. Por isso as crianças tem de aprender no ritmo em que as aulas são dadas. Ah, o ritmo das aulas. Toca a campainha, é hora de pensar português, Toca a campainha, é hora de parar de pensar português e começar a pensar em matemática e assim sucessivamente.” (Alves 2004. Cap. 02, p.55)

E por último o quarto pressuposto onde ele fala que “a avaliação da aprendizagem se faz por meio de provas e testes e os seus resultados são expressos em números.” (Alves 2004. Cap. 02, p.56)

Rubem Alves deixa muito claro que não é possível dar ordens ao pensamento, o ritmo e a fragmentação das aulas estão em completo

desacordo com tudo o que sabemos sobre o processo ensino-aprendizagem, mas principalmente sobre o pensamento de cada indivíduo, de cada criança.

1.2 ESCOLA COMO FRAGMENTO DO FUTURO

Este tópico refere-se à análise do livro *Estórias de quem gosta de ensinar*. Esta obra está subdividida por 27 capítulos. Optamos, para este artigo, por escolher os capítulos: Palavras para comer; Feitiçaria; Os grandes contra os pequenos; Mestres e cozinheiros e Escola – fragmento do futuro. Entendemos que esses capítulos se referem ao tema deste assunto, ou seja, o ato de cozinhar.

“Esperamos que, ao final de tudo isto, estas crianças possam ser úteis à sociedade”. (Alves, 1991. Cap. 27, p.102)

Rubem Alves lamenta a educação como linha de montagem, transformando as crianças em adultos úteis e produtivos, em prol do capitalismo. Questiona o ensino caminhando para uma educação direcionada aos vestibulares e critica também o abuso dos altos valores cobrados nos cursos de pré-vestibulares, pensando naquelas pessoas que jamais conseguirão entrar numa faculdade. *“Quando os Vestibulares acabarem, a moçada poderá reaprender que estudar é tão divertido quanto empinar pipas...”* (Alves, 1991. Cap. 22, p. 85). Almeja uma educação que fale sobre a beleza das coisas, da vida, na natureza, do céu, da terra, do sol, do ser humano, da matéria, da criação de Deus em sua imagem e semelhança. *“...para que o corpo se levante, e se disponha a lutar. Porque o corpo não luta pela verdade pura, mas está sempre pronto a viver e a morrer pelas coisas que ele ama.”* (Alves, 1991. Cap. 27, p. 105) *“Então Deus viu que tudo era bom.”*

“E é isto que eu desejo, que se instale na escola a linguagem do amor, para que as crianças redescubram a alegria de viver que nós mesmos já perdemos.” (Alves, 1991. Cap. 2, p. 105)

Uma educação que fale do prazer em viver, dos sonhos, do prazer da comida, das estórias, do prazer de falar, de ler...não falei no início do

artigo, mas há um ano me tornei catequista. Aceitei esse desafio por pedido da minha filha a qual me acompanha também nos encontros catequéticos. Temos uma turma de 10 crianças entre 10 e 12 anos. Fico impressionada com a dificuldade que eles possuem em ler e escrever sobre o que pensam. Me chamam de professora, percebo uma necessidade neles em falar sobre a vida, sobre a família, suas angústias e sonhos. Talvez seja isso que Rubem Alves muitas vezes relata em seus textos sobre educação, essa ausência de conexão espiritual entre professor e aluno, entre a escola e a família. Fico a pensar sobre a atual educação. Estamos educando e formando seres capazes para se autoconhecer ou para conhecer o que o sistema quer? Outro dia estive na escola da minha filha, a mesma onde estudei no ensino fundamental. Fui conversar sobre um ocorrido em sala de aula. Me deparei com a orientadora educacional desanimada, sem perspectiva de uma educação transformadora, se queixou que infelizmente alguns pais ainda não aceitam os erros dos filhos. Contou-me que teve que mostrar um vídeo do filho fazendo algo errado por quatro vezes, até que a mãe se conformou. Ao mesmo tempo que se queixava da atitude da mãe, falava que eram bons pais.

Bons pais, bons alunos, boas escolas, bons cidadãos...esperançar a educação! Quando Rubem Alves fala que *“o corpo é coisa encantada que precisa mais que comida e bebida para viver. Ele precisa de palavras. Porque é nelas que mora a esperança”*. (Alves, 1991. Cap. 14. p.53.) Esse mesmo corpo é metade matéria e metade pensamento, razão e emoção, desejos e atitudes que deveriam ser estimuladas e compreendidas na infância, na família com o amor e carinho dos pais e na escola com o estímulo adequado dos professores. Não conseguimos controlar nossos pensamentos, mas controlamos nossos desejos através desses estímulos que geram hormônios que nos dão prazer ou não, e dessa forma, provocam desejo de curiosidade para um determinado conteúdo e assunto, para conhecer-se como aluno, como pessoa. Eu gosto disso e não daquilo!

“Gozar o calor do sol, sem pensar sobre ele. Ver o mar, sem acrescentar ideias para melhorá-lo. Dar-me ao laser, sem lá dentro a maquininha de crochê cerebral continuasse a funcionar. E eu queria descansar de pensar, mesmo correndo o risco de deixar de ser, a se acreditar em Descartes. Eu estava mais para Fernando Pessoa, que entendeu que pensar é estar doente dos olhos...” (Alves, 1991. Cap. 15. P. 57)

Em algum momento da leitura, me deparei com Rubem Alves falando sobre a ansiedade que os pais passam para seus filhos ao falar sobre o seu futuro, mais precisamente a profissão que irão escolher. Desde que o mundo é mundo qual pai e mãe não querem o melhor para seus filhos? Advogado, engenheiro, médico, policial rodoviário, dentista. Uma profissão que seja realizadora e que lhes dê segurança e estabilidade financeira. Não é isso

o que queremos? São tão jovens para decidir o futuro. *“Pais e educadores, participamos de uma conspiração. Não porque o tenhamos decidido. É que estamos a isto condenados. Nós somos os que temos as palavras. Corrijo-me: nós somos aqueles já possuídos pelas palavras. E tomamos a iniciativa. Lançamos a rede de símbolos que irá cair sobre as crianças. E ali, no seu interior, continuará a gestação dos seus corpos. Não são as crianças que decidirão das coisas que serão ditas e dos mundos que se construirão. Os currículos são criação/imposição nossa”.* (Alves, 1991. Cap. 17. P.65)

Acho que teria sido uma boa professora, se fosse pensar nos vinte e cinco anos de cozinha, e o que as panelas já me disseram, sobre o tempo, sobre as técnicas, sobre os sabores e sobre matar a fome; poderia ter construído uma escola, confesso que tenho muita vontade de passar adiante esses conhecimentos e técnicas, mais que isso tenho vontade de uma escola que atenda as necessidades das pessoas para o seu dia a dia, ensinar sobre comida de verdade, com sustentabilidade, usando produtos locais, favorecendo a agricultura familiar, com aproveitamento total do alimento, não desperdiçando partes que possuem altos nutrientes para a saúde. É muito prazeroso cozinhar seu próprio alimento, sabe aquela frase: Foi eu que fiz! *“Cozinha: Ali se ensina a vida. É como uma escola em que o corpo, obrigado a comer para sobreviver, acaba por descobrir que o prazer vem de contrabando.”* (Alves, 1991. Cap. 24. P. 92) Mas teria sido uma boa professora de Educação Física também. Não sei viver sem atividade física, lastimo muito a redução da carga horária na grande maioria dos currículos, lamento quando vejo os jovens sedentários fixados as telas em vez de jogar bola nas ruas, de subir árvores, dançar em eventos escolares onde a comunidade toda participava e era feliz. *“A pura utilidade alimentar, coisa boa para a saúde, pela magia da culinária, se torna arte, brinquedo, fruição, alegria. Cozinha, lugar de risos...”* (Alves, 1991. Cap. 24. P. 92)

Uma vez minha filha pequenina me disse: Mamãe, quando eu crescer quero ser “presidenta” para acabar com as coisas erradas! Na hora pensei: Deus me livre, política é horrível, muita corrupção, mamãe não quer isso pra você não! Mas depois refletindo sobre, me veio um ar de esperança de um futuro melhor para ela, para a humanidade. Temos que ter esperança, porque foi isso que ela quis me dizer!

“Isto. Uma cozinha Culinária da Educação. Imaginei que os professores, acostumados a homens ilustres, sem cheiro de cebola na mão, haveriam de se ofender, pensando que isso não passa de uma gozação minha.” (Alves, 1991. Cap. 24. p.92)

Para se tranquilizar com essa metáfora da cebola, o autor faz uma reflexão sobre o pensamento de Ludwig Feuerbach, quando diz que: *“a quem até mesmo Marx prestou atenção: “O homem é aquilo que come”.* (Apud) *“Abaixo Descartes. Ideias claras e distintas podem ser boas para o pensamento. Também bombas atômicas e as contas do FMI são boas para*

serem pensadas. Só que não podem ser amadas, não tem gosto e nem cheiro, e por isso mesmo a boca não as saboreia e não entram em nossa carne.” (Alves, 1991. Cap. 24. P, 92)

Não posso dizer que cozinhar não tenha sacrifício, o cheiro da cebola e do alho, tempero básico para qualquer preparo, fica por horas, mas se lavarmos as mãos com um sabonete de inox sai rapidamente, além das lágrimas, as queimaduras formam cicatrizes para vida. Mas se existe algum trabalho sem sacrifícios, desconheço. *“É preciso sapiência, ciência saborosa, para se caminhar na cozinha, este lugar de saber-sabor. Cozinheiro: bruxo, sedutor. “- vamos, prove, veja como está bom...” (Alves, 1991. Cap. 24, P. 93)*

“O que importa está além das palavras. É indivisível “(Alves, 1991. Cap. 24, P. 93)

O autor aponta duas linhas de pensamento voltados para o ato de ensinar e o ato de cozinhar. A primeira seria que: *“...não há palavras que possam ensinar o gosto ou o cheiro do feijão ou do coentro. É preciso provar, cheirar, só um pouquinho...” (Alves, 1991. Cap. 24, p. 92)* A segunda seria de que *“o prazer do gosto e do cheiro não convivem com a barriga cheia.” (Alves, 1991. Cap. 24, p. 93)* Ou seja, o autor prefere uma filosofia culinária a uma educação que empurre goela abaixo conteúdos de programas para ver quantos pontos serão feitos no vestibular.

Entendem por que eu queria uma filosofia culinária de educação? É que temos tomado os criadores de ganso como modelos...” (Alves, 1991. Cap. 25, p. 94)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos feitos, podemos constatar que para Rubem Alves a educação brasileira é determinada por um grupo de pessoas que tem o poder de decidir qual rumo o vestibular irá tomar. O autor aponta para uma educação terrorista, onde uma minoria da população é privilegiada ou, melhor, encaminhada para o mercado de trabalho lucrativo do capital, mão de obra necessária a fim de suprir as necessidades capitalistas; já a outra metade da população ele considera pessoas de uma educação livre do “terrorismo”, pelo fato de não possuírem condições financeiras para um cursinho particular, logo essas pessoas nunca saberão o que é um vestibular. Uma educação para todos, era o que Rubem Alves almejava. *“Além disso, todo mundo sabe que o ensino neste País está um verdadeiro descalabro. São os próprios exames vestibulares que revelam a ignorância da moçada. Vestibular*

apertado, difícil, de alto nível é um jeito que as universidades encontram para corrigir o fracasso da educação.” (Alves, 1991. Cap. 21, p.79)

Os textos de Rubem Alves são muito críticos no que se refere a importância que o professor exerce sobre a formação das crianças em processo de aprendizagem, colocando a prova o ensino desqualificado para a formação humana, onde a criança é avaliada por números, e não por suas habilidades e compreendimentos de coisas que darão sentido a vida, as necessidades fisiológicas como o ato de comer e sentir fome, fome de conhecimento, de humanidade e compaixão ao próximo, de respeito a natureza, de igualdade social e cidadania.

Concluo este artigo fazendo uma reflexão sobre o ato de cozinhar e o ato de ensinar, reflexões que Rubem Alves aponta em seus textos fazendo uma analogia com as cozinheiras e professores, como ele diria: aprender das cozinheiras, do saber que nasce no momento entre o cru e o cozido, entre a criança e o tornar-se adulto; “...mestres-cucas especialistas nas pequenas coisas que fazem o corpo sorrir por antecipação.” Aprender a saborear os bons ensinamentos transmitidos por bons educadores, alimentando a alma através da curiosidade e do saber pensar positivamente, com conteúdos úteis para a vida e não somente para serem decorados, empurrados goela a baixo, e logo adiante esquecidos, tão somente para satisfazer uma minoria de impositores capitalistas, levando á desigualdade e á exploração, prejudicando a sociedade.

“ Imitar os que preparam as coisas boas e ensinam os sabores...” (Alves, 1991. Cap. 24, p.92)

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. ARS POÉTICA EDITORA LTDA, 1994. Disponível em: <https://www.virtual.ufc.br>

ALVES, Rubem. *O desejo de ensinar e a arte de aprender*. Campinas: Fundação EDUCAR D. Paschoal, 2004. PDF. Disponível em: <https://www.unijales.edu.br>

ALVES, Rubem. Crônica *Aprendendo das cozinheiras*. Disponível em <https://culinariadadriana.blogpost.com>

ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. 15.ed.-São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SOUZA, Matheus Serafim de Souza. *Monografia de Bacharelado em Filosofia*, 2002. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Tecnologia – Belo Horizonte – FAJE. Repositório de Monografias. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br>

NUNES, Luiza de Freitas. Artigo *De Platão a Rubem Alves Eros na educação contemporânea*. Campinas, SP. Filosofia e Educação (RFE) –Volume 9, Número 3, Outubro de 2017 – Janeiro de 2018 – ISSN 1984 – 9605 – P. Disponível em: <https://periodicos.capes.gov.br>

Sacrilegens Revista dos alunos do programa de pós-graduação em ciência da Religião – Juiz de Fora. V. 15, n.2p.127 -139, jul - dez/2018. III CONACIR. Disponível em <https://www2.ufjf.br>

CAMPOS, Leonildo Silveira Campos. Artigo *Discurso acadêmico de Rubens Alves sobre “Protestantismo” e “Repressão”: Algumas observações 30 anos depois*. Disponível em: <https://www.scielo.br>

Crônica *Cozinha*. Revista Prosa Verso e Arte, 2004. Disponível em: <https://revistaprosaversoearte.com/cozinha-uma-cronica-deliciosa-de>

Crônica *Educação e seus sabores*. Revista digital O tempo. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/quer>

Crônica *A arte de produzir fome*. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br>

Crônica *Sopas*. Disponível em: <https://bemmalvesdois.wordpress.com>

CARVALHO, Michelle Marília Rodrigues Morlin de. SILVA, Maria Andreia de Paula. SIMONCINI, João Batista Villas Boas. Artigo *Literatura de comer: a cozinha de Rubem Alves*. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br>

Crônica *Se cozinhar é sagrado, comer é mágico*. Revista Ecos da Paz.
Disponível em: <https://www.revistaecosdapaz.com>

Crônica *A festa de Babette*. Disponível em:
<http://www.orientandoquemorienta.com.br>

Artigo *Só aprende quem tem fome*. Revista Digital educação pública.
Disponível em: <https://novaescola.org.br>

Artigo “Análise textual discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces”
(Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi, 2006) publicado na revista Ciência
& educação.